

A ILLUSTRAÇÃO LUSO-BRAZILEIRA.



LISBOA: — Anno 45000 réis.

Numero pago á entrega. 5090

N.º 28 — VOL. II.

Sabbado 10 de Julho de 1858.

PROVINCIAS: — FRANCO — Anno 45300

Ultramar e estrangeiro (moeda forte) . . 55000

Summario.

ARTIGOS: — Historia da actualidade — O castello de Neufchatel — A Ilha de Rapacini, continuação — Rapidez das communições — Lacknow — Rosate nos montes Sabinos — Galeria historica — O diamante, conclusão — A Ilha Pitcairn — Lições para maridos, continuação — A caça em S. Francisco da California — Americo Vesputio.

GRAVURAS: — Castello de Neufchatel — Lacknow — Rosate nos montes Sabinos — Ilha de Pitcairn — Passeio Publico de Lisboa.

Historia da actualidade.

A imprensa hespanhola preoccupa-se actualmente da grave questão da livre importação dos cereaes, porque as colheitas n'aquelle reino, assim como em Portugal não promettem ser favoraveis. A este respeito tem-se publicado ali ultimamente importantes escriptos.

Acha-se em Lisboa o erudito investigador de antiguidades de Valencia, sua patria, o senhor D. José Maria Zacarés y Velasquez, senhor de Eguiarreta.

No theatro das *Varietades* nomeou-se nova direcção, mesa da assemblea geral, e conselho deliberativo, em consequencia dos antecedentes cavalheiros que occupavam taes cargos terem dado a sua demissão.

O movimento de cartas franqueadas que entraram na administração central do correio de Vizeu, durante o mez de Junho, foi de 18195; e jornaes, tambem estampilhados, 19157. É para sentir que o uso da estampilha ainda não esteja generalisado como deve, pois no mesmo mez, e referida administração, entraram 1219 cartas, e 583 jornaes por estampilhar.

Sir Morton Petto saiu no dia 7 do corrente de Londres, com direcção a Lisboa. Vem concluir, segundo se affirma,

o contracto do caminho de ferro de Santarem ao Porto.

Diz o *Nacional* do Porto, que foi ali preso o senhor Joaquim José Pereira dos Santos, conego da sé de Lisboa, por tentativa do crime de fabrico de moeda falsa, por ser o mesmo senhor que encommendou na fabrica do Bicalho o balancé que se encontrou na mina de Quintella, como já noticiámos. Pelo mesmo crime foi preso o morgado de Baião, o senhor Anastacio d'Almeida Pinto de Lemos.

No mez de Junho rendeu a alfandega grande de Lisboa, 197:210\$673 réis: a municipal, réis 62:318\$333; e a do Porto, 121:565\$860 réis. Comparados estes rendimentos com os de igual mez no anno de 1857, foram menores; e só o da alfandega grande de Lisboa excedeu a receita calculada no orçamento, pois os das outras duas foram inferiores.

No dia 2 do corrente houve em Aveiro, pe-

las sete horas da tarde, um grande abalo de terra, mas não consta que causasse estragos.

E grande a colheita de sal, em relação á epoca em que nos achamos, e dizem as noticias dos districtos onde ha marinhas, que se continuar o tempo como até agora, será este anno abundantissima.

No Porto subiu a prata a cento e vinte e sete e tres quartos, em consequencia de a comprar o banco commercial por conta do governo a 85/160 réis o marco.

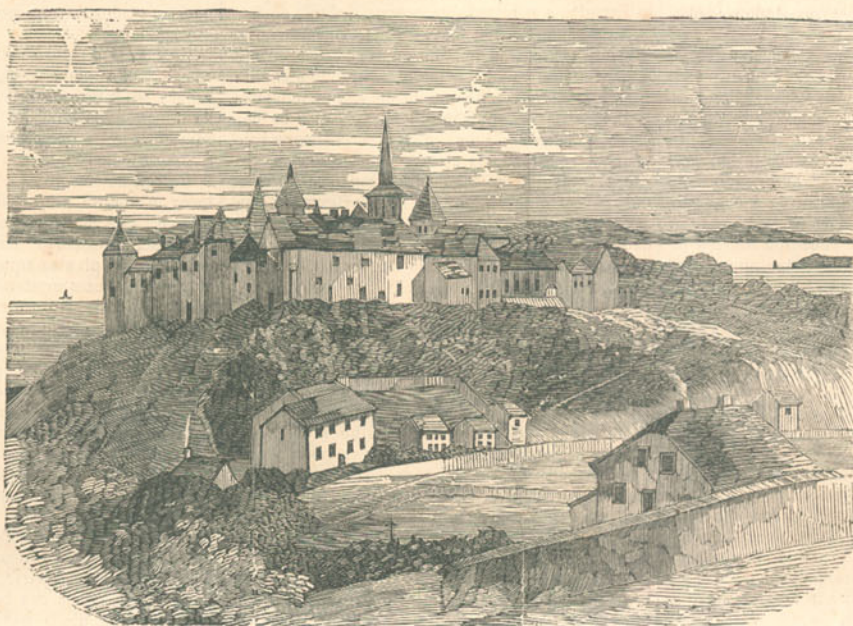
As ultimas noticias de Creta, desfavoraveis ao governo turco, motivaram nova expedição de tropas.

Espera-se que a actual legislatura britannica se prorogue até meado do corrente mez, em consequencia de medidas importantes, que o triste estado da peste em Londres está reclamando.

A rainha Victoria, que deseja ir a Berlin visitar sua filha, não o fará antes de se encerrar o parlamento, para não ficarem sem a sua sancção os importantes bills que o corpo legislativo tem de approvar.

Autorisou-se o presidente dos Estados-Unidos a contrahir um emprestimo de 1,900:000 dolars, para a construcção de dez corvetas de guerra, e algumas canhoenciras para defesa das costas, que se vão mandar fortificar.

Por cartas patentes de 24 de Junho, expedidas pela rainha da Grã-Bretanha, na qualidade de soberana da ordem da Jarreteira, foram dispensados todos os estatutos e regulamentos ordinarios, para com Sua Magestade El-Rei o Senhor D. Pedro v, a proposito da installação, outorgando-se ao mesmo cavalleiro plenos poderes e autorisação para exercer todos os poderes e privilegios pertencentes a um membro da dita ordem.



Castello de Neufchatel — Gravura de Coelho Junior.

— As obras que se vão fazer no vapor *Bartholomeu Dias* estão orçadas em 40.000\$000 de réis.

— O fogo que se deitou no Passeio Publico, em o dia 2 do corrente, a cargo dos pyrotechnicos inglezes não agradou, e foi em muitos pontos inferior ao dos artistas portuguezes. Estes estão encarregados do que se hade queimar domingo 11 do corrente, em beneficio do asylo da Conceição.

— A academia real das sciencias tem promptos para ver a luz publica um fasciculo dos *Monumentos Historicos* pelo senhor Alexandre Herculanio; o primeiro volume das *Lendas da India*, inedito de Gaspar Corrêa, e acurado pelo senhor R. Felner; e um volume do *Quadro elementar*, começado pelo fallecido visconde de Santarem, e continuado pelo senhor Rebello da Silva.

— Espera-se breve a publicação de um novo jornal politico, para o qual se habilita como editor o senhor Andrade Ferreira, sendo collaborador com elle na redacção o senhor Cesar de Vasconcellos.

— Simi-Pachá, que era ministro da instrucção publica na Turquia, foi nomeado governador de Candia.

— O rei Othon, da Grecia, anda viajando pelas provincias ao norte do seu reino.

— Suas magestades de Hespanha regressaram a Madrid na tarde do dia 23 de Junho. Seguiu-se depois mudança no gabinete, sendo o general O'Donnell, presidente do novo ministerio.

— O Vesuvio cessou as suas irrupções que bastante consternada traziam a população de Napoles.

— Entraram no Tejo esta semana, e já saíram, as quatro canhoneiras, que o governo brasileiro mandou construir por sua conta em Inglaterra.

— O theatro de Palma, na ilha de Maiorca, foi destruido por um incendio.

— Espera-se no proximo outono uma conferencia em Vienna, sobre alfandegas.

— Descobriu-se na Galitzia uma conspiração, do que resultou grande numero de prisões.

— O general Rose conseguiu na India apoderar-se da importante praça de Caspea, defendida por doze mil sublevados.

— As noticias da guerra da India, chegadas ultimamente a Inglaterra, dão os inglezes soffrendo novos reveses. A guarnição de Shajekampore foi surpreendida pelo inimigo vindo de Oude. Diz-se que o general Walpole foi morto n'uma carga que deu com o 9.º de lanceiros, contra os cipaes, em Belapore, junto a Lucknow.

— Finalmente parece decidido na China o partido da guerra, por se ter frustrado a entrevista dos plenipotenciarios das potencias alliadas, com o imperador da China em Pekin. A esquadra americana já estava no golpho de Pochili, e esperava-se outra russa, para começarem depois as operações.

— As *Prophecias do Bandarra*, comedia do visconde d'Almeida Garrett, que subiu á scena na terça feira, em beneficio do actor Sargedas, no theatro de D. Maria II, foi phreneticamente applaudida.

— O senhor visconde de Sá da Bandeira, ministro da marinha, apresentou ás côrtes um projecto de lei, para o governo ser autorisado a levantar um emprestimo com applicação á construcção de estradas na provincia de Angola.

— No dia 28 do passado rebentou sobre a cidade da Guarda uma forte trovoadá, que causou muitos estragos. Uma farsca electrica fulminou um estudante, e a cavalgadura que montava.

— No 1.º do corrente sentiram-se no Porto, das seis para as sete horas da tarde, dois fortes abalos de terra, cada um dos quaes durou dois segundos.

— A população de Londres está aterrada, por se terem desinvolvido do Tamisa, cujas aguas vão carregadas de substancias putridas, insupportaveis exhalações mephiticas, aponto de se reccar ali a peste, e tão horrorosa como a que se desinvolvou no anno de 1650. Reina o terror nos que não teem podido fugir para fora da cidade. O parlamento pediu ao governo prompto remedio, e este trata activamente de adoptar convenientes medidas sanitarias. As obras que se diz vão emprender-se orçam-se em muitos milhoes.

— O nosso distincto escriptor e official de marinha, o senhor Francisco Maria Bordalo, foi en-

carregado pelo governo de escrever, em continuação aos ensaios estatisticos do finado conselheiro José Joaquim Lopes de Lima, sobre as provincias da Africa occidental, um similhante trabalho, relativamente á provincia de Moçambique.

— O governo ordenou ao governador geral da India que preste todo o auxilio ao bacharel em medicina, Joaquim Heliodoro da Cunha Rivara, tambem nosso distincto escriptor, nas indagações a que o mesmo tem de proceder, para continuar os trabalhos historicos de Barros e Couto, sobre as conquistas e dominios dos portuguezes na Asia.

— No dia 29 de Junho desinvolveu-se um grande incendio n'um dos armazens no caes da doca, denominado London Dock. A saída do paquete o fogo tinha feito grandes estragos, e com difficuldade seria dominado, não obstante os esforços empregados. As perdas sobem a sommas importantes. O armazem continha materias combustiveis, como assucar, salitre e aguardente etc.

— Na ilha do Fogo, no archipelago de Cabo Verde, houve nos ultimos dias de Maio uma irrupção do vulcão da Ajuda da dita ilha, que lançou grande quantidade de lava, e no seu transitio até ao mar destruiu muitos campos agricultados.

O castello de Neufchatel.

Neufchatel é a capital d'um antigo condado soberano do mesmo nome na Suissa, dependente de algum modo do rei da Prussia, a quem os estados o concederam, e se confirmou na paz de Utrech, quando se contestou o direito de successão, por fallecimento da duqueza de Nemours, Maria d'Orleans, em 1708.

Fazendo hoje parte dos cantões suissos, contém em si este condado um numero partido realista que trabalha por desligal-o completamente da federação, para ser regido sómente pela autoridade do rei da Prussia. Ha poucos annos que este partido alcançou uma noite, por surpresa, apoderar-se do seu castello, e levantar o pavilhão prussiano; porém no dia seguinte concorreram a libertal-o varios contingentes dos outros cantões, e depois de uma ferida lucta, foi o castello retomado por assalto, e desfeito o bando realista.

É a vista d'esse castello que representa a nossa gravura.

A filha de Rapaccini.

CONTO PHANTASTICO.

Continuação.

No decurso do dia, foi fazer os seus cumprimentos ao senhor Pedro Baglioni, professor de medicina na universidade, sabio de grande nomeada, para o qual levava uma carta de recommendação. O professor era homem lhano, jovial e de bom caracter: convidou a uma refeição o recommendado, a quem agradou pela alegria familiar da conversação, principalmente depois de animado com uma ou duas garrafas de vinho de Toscana. Giovanni, pensando que dois sabios, habitantes da mesma cidade, deviam tratar-se familiarmente, procurou occasião para fallar do medico Rapaccini. O professor, porém, não lhe respondeu com tanta cordealidade como julgara.

— Não conviria a um mestre da divina arte da medicina, disse Pedro Baglioni, recusar a um medico tão eminentemente habil como Rapaccini os elogios que de justiça merece. Mas por outra parte, não obraria conforme á minha consciencia se permittisse que um mancebo, filho d'um antigo amigo, formasse falsa idéa de quem pode chegar a ter entre as mãos a sua vida. A verdade é que o medico Rapaccini é, talvez com uma unica excepção, tão sabio como qualquer dos membros da faculdade de Padua, e de toda a Italia. Porém existem graves accusações contra elle.

— E quaes?

— O meu amigo Giovanni padece alguma enfermidade do corpo ou da alma, que o obrigue a ser tão curioso a respeito dos medicos? perguntou o professor sorrindo-se. Quanto a Rapaccini, diz-se

(e eu que o conheço, posso afirmar a verdade do dito) que se occupa mais da sciencia que da humanidade. Os seus doentes não o interessam senão como objectos de novas experiencias. Com gosto sacrificaria a vida d'um homem, a sua propria, a da pessoa mais querida, para acrescentar um grão ao monte já tão crescido do seu saber.

— Affigura-se-me, com effeito, um homem terrivel, disse Guasconti recordando-se da physionomia fria e intelligente de Rapaccini. E contudo, não é uma capacidade? Ha muitos homens dotados de similhante amor á sciencia?

— Deus nos livre, exclamou o professor com enfado; a menos que não tenham idéas mais sãs que as de Rapaccini em materia de medicina. Em sua opinião, todas as virtudes medicionaes estão encerradas nas substancias a que chamamos vegetaes. Cultiva-os elle proprio, e corre o rumor de que tem inventado novas variedades de venenos, ainda mais horrivelmente deleterios do que os creados pela natureza para castigo do mundo, antes d'elle lhe prestar o seu concurso. Não se pode negar que o medico faz menos mal do que podia esperar-se de tão perigosas substancias. É preciso declarar, que de vez em quando tem operado, ou parecido operar uma cura maravilhosa; mas dizendo o que sinto, senhor Giovanni, não deve ser muito louvado por estes triumphos, filhos talvez do acaso, ao passo que se devem ter em muita conta todas as suas desgraçadas operações, que justamente se podem attribuir á temeridade de seus intentos.

O mancebo não teria aceitado sem precaução o parecer do professor Baglioni, se soubesse que havia muito tempo andavam discordes ambos os medicos, e que Rapaccini era reputado pela generalidade como vencedor: A quem queira julgar por si mesmo, recommendamos-lhe certos opusculos impressos em gothico, que se conservam na universidade de Padua.

— Doutissimo senhor, disse Giovanni depois de meditar sobre o que acabava de ouvir acerca do grande zelo de Rapaccini pela sciencia; não sei até que ponto este medico ama a sua arte; mas existe um objecto que lhe é seguramente mais querido: Rapaccini tem uma filha.

— Ah! ah! respondeu o professor soltando uma gargalhada. Está descoberto o segredo do nosso amigo Giovanni. Ouviu fallar d'essa menina, que traz perdidos de amor todos os mancebos de Padua, ainda que não cheguem a meia duzia os que teem tido o gosto de lhe ver a cara. Nada sei da menina Beatriz, senão que Rapaccini a instruiu na sua sciencia, e que, joven e bella segundo é fama, está já em estado de poder reger uma cadeira. Destinar-lhe-ha seu pae a minha? Correm ainda mais absurdos rumores, que não merecem ser referidos nem escutados. Assim pois, Giovanni, despeje o seu copo.

Guasconti dirigiu-se a casa, um pouco quente com o vinho que bebera, e que fazia girar em sua cabeça as extraordinarias figuras de Rapaccini e da formosa Beatriz. No caminho encontrou uma ramalheteira, a quem comprou um ramo de flores frescas e odoríferas.

Entrou no seu quarto, e sentou-se junto da janella, á sombra projectada pelo espesso muro, de maneira que podia ver o jardim sem correr o risco de ser descoberto. Baixou os olhos; completa soledade. As plantas aqueciam-se ao sol, fazendo-se algumas vezes mysteriosos signaes de parentesco e sympathy. No centro, proximo das ruínas da fonte, via-se o magnifico arbusto, com os seus gomos rubicundos, que scintillavam no ar e se reflectiam nas aguas do tanque, illuminado completamente pelo radiante esplendor d'aquelle.

Ao principio, como dissemos, o jardim estava deserto. Em breve, porém, como Giovanni esperara ou temera, appareceu debaixo da portada de antigas esculpturas a figura da formosa donzella, que desceu os degraus, e se poz a passear no centro das filis de plantas, aspirando seus diversos perfumes, similhante a um d'esses entes de que falla a fabula, como alimentados por odores suaves. Tornando a ver Beatriz, o joven estremeceu reconhecendo que a sua belleza ultrapassava a recordação que d'ella havia conservado: era uma belleza tão viva, tão brilhante, que mesmo ao sol lançava raios, e illuminava os pontos mais som-

brios do jardim; ao menos assim a via Giovanni, que lhe distinguia a physionomia melhor que na vespera, e se admirava do seu ar natural e doce; porque estas qualidades não tinham entrado no retrato que do seu caracter concebera. Por esta razão tornou a perguntar a si mesmo que especie de creatura era aquella. Não deixou tambem de descobrir ou imaginar certa analogia entre a bella menina e o magnifico arbusto que deixava cair seus gomos de rubis sobre a fonte: o capricho de Beatriz quizera augmentar a similhança por meio das cores e disposição de seus vestidos.

Chegando ao arbusto, abriu a donzella os braços, com ardor apaixonado, e apertou os ramos em tão intimo abraço, que o rosto ficou-lhe occulto entre a folhagem, e os canudos do cabello confundiram-se com as flores.

— Dá-me o teu perfume, minha irmã! exclamou Beatriz; porque o ar commum deixa-me sem forças. Dá-me tambem esta flor, que corto com mão amiga, para collocar sobre o meu coração.

Em quanto dizia estas palavras, a filha de Rappacini colheu uma das flores mais brilhantes do arbusto, e adornou com ella o peito. Mas n'aquelle momento, se não se acredita na perturbação que as excessivas libações produziram nos sentidos de Giovanni, succedeu uma coisa singular. Um pequeno reptil, da familia do lagarto, chegou, arrastando-se pelo caminho, aos pés de Beatriz. Acreditou Giovanni (mas na distancia em que estava, era-lhe mui difficil perceber tal circumstancia), pareceu-lhe que uma gota de sumo caira do talo cortado da flor na cabeça do lagarto. Retorceu-se este convulsivamente um instante, e ficou morto e estendido ao sol. Beatriz observou este phenomeno, e benzeu-se tristemente, mas sem surpresa. Isto não a impediu de pôr no seio a flor, que resplandecia ali tão deslumbradora como uma pedra preciosa, accrescentando ao aspecto e traje de Beatriz tal encanto, que nada do mundo teria sido capaz de substituir aquella flor. Giovanni, tremulo, murmurava:

— Estou acordado? posso o uso dos meus sentidos? Essa creatura... deve-se-lhe chamar inefavelmente bella... ou terrivel em grau infinito?

Beatriz, passeando com indifferença pelo jardim, chegou-se tanto à janella de Giovanni, que este pôde satisfazer a intensa e penosa curiosidade que o movia. N'este momento vinha ajeitando pelo jardim uma magnifica borboleta. Talvez tivesse errado pela cidade sem encontrar flores nem verdura, no meio d'aquellas moradas dos homens, até que os fortes perfumes do medico Rappacini a atrahiram. Esta alada creatura não parou em nenhuma flor; mas atrahida pela belleza de Beatriz, poz-se a voltar ao redor da sua cabeça. D'esta vez era impossivel que se enganasse os olhos de Guasconti. Julgue-se o que se quizer, acreditou ver, em quanto Beatriz olhava com alegria infantil para o insecto, este perder as forças e cair-lhe aos pés! Agitaram-se-lhe as brilhantes azas: estava morta! morta sem mais causa apparente que o halito de Beatriz, que se benzeu de novo, e suspirou, inclinando-se para o insecto privado da vida.

Continua.

Rapidez das communicações.

De dia para dia o espirito humano se extasia ante a rapidez com que hoje se transmittem as noticias, graças ao vapor e á electricidade!

Será portanto d'algum interesse apresentarmos aqui uma comparação do que a este respeito acontece hoje, com o que se passava ha algum tempo.

N'esta mesma occasião, a guerra que os inglezes sustentam na India fornece á actividade humana poderoso argumento para provar quantos recursos a anciedade e a curiosidade publica podem ter á sua disposição.

Ha dois annos, no decurso da guerra da Criméa, havia já uma prova mui notavel de celeridade.

Quando os francezes sitiavam Sebastopole, um despacho transmittia-se em treze horas do acampamento francez a Paris, graças ao fio do telegrapho electrico que se estendia de Paris á Criméa, e que interrompia o seu curso em diversos inter-

vallos, que, reunidos, só podiam ser atravessados por correios gastando n'esse serviço doze horas. Era a distancia de novecentas leguas.

Hoje recebem-se em Londres noticias da India em vinte cinco dias. A distancia é quasi de cinco mil leguas. Eis como se transmittem os despachos. Um vapor vae de Calcutta a Suez em vinte e quatro dias. Chegado a Suez, o consul inglez transmitta pelo fio electrico o summario laconico dos despachos que o vapor conduzia. Este despacho vae de Suez a Alexandria, e d'aqui a Malta pelo fio submarino; de Malta á ilha de Sardenha por outro fio submarino; da ilha de Sardenha a Argel por terceiro fio submerso no mar; e de Argel a Marselha por quarto fio; de Marselha a Calais pelo fio electrico que percorre o caminho de ferro; de Calais a Douvres por quinto fio submarino; e finalmente de Douvres a Londres pelo telegrapho electrico. Todas estas diversas transmissões desde Suez effectuam-se em poucas horas.

Examinemos agora com que lentidão se transmittiam antigamente as noticias importantes. Buscaremos tres exemplos: a noticia da batalha de Fontenoy, a da batalha de Austerlitz, e a da conquista de Argel.

A batalha de Fontenoy, ganha pelo rei Luiz xv e marechal Saxe, contra os inglezes, foi dada em 11 de Maio de 1745. A noticia soube-se em Paris a 15, quatro dias depois. Foi annunciada sem estrepito pela *Gazeta de França* que a publicou perdida na segunda pagina com alguns factos insignificantes.

A batalha de Austerlitz, dada em 2 de Dezembro de 1805, só appareceu no *Monitor* em 12, quer dizer dez dias depois, tendo sido trazida pelo coronel Lebrun, ajudante de campo do imperador Napoleão I. O relatório detalhado d'esta memoravel batalha, e que forma o 30.º boletim do grande exercito, foi publicado quatro dias depois, a 16 de Dezembro.

A tomada de Argel succedem em 5 de Julho de 1830; a noticia constou em Paris a 13 de Julho á noite.

Assim pois, em 1745 eram precisos quatro dias para conhecer o resultado d'uma importante batalha dada em Fontenoy, ponto afastado de Paris setenta e cinco leguas.

Em 1805, foram necessarios dez dias para se saber o resultado de uma batalha dada em Austerlitz, ponto afastado de Paris quatrocentas leguas.

Em 1830 foram precisos oito dias para haver em Paris noticias de Argel.

Em 1855, bastaram treze horas para se saber em Paris o resultado do sitio de Sebastopole, ponto afastado de Paris novecentas leguas.

Em 1858, bastam vinte cinco dias para se saber em Londres o que se passa na India a cinco mil leguas de distancia, e duas horas para transmittir um discurso de quatro paginas de Paris a Argel!

Lucknow.

Em a nossa *historia da actualidade*, com que successivamente abrimos os numeros da *Illustração*, temos posto o leitor a corrente dos successos da guerra que pende entre a Inglaterra e a raça indica.

Lucknow tem-se tornado importante n'esta quadra em consequencia da sua posição strategica. Ahi estiveram por muito tempo cercados os dois generaes inglezes Havelock e Outram, e a cidade ameaçada de cair em poder dos insurgentes, que a investiam com infindo poder de sua gente, até que o general em chefe Campbell a libertou ao cabo de cinco dias de consecutivos e gloriosos combates.

A nossa estampa representa a vista da sua fortaleza.

Rosate nos montes Sabinos.

QUADRO POR LUIZ GURLITT.

A nossa gravura é copia d'um dos quadros mais bellos do distincto artista Luiz Gurlitt, pintor de

paisagem alemão dos melhores de nossos dias, e representa a paisagem italiana *Rosate nos montes Sabinos*. Á direita, acha-se na montanha a aldeia de Civitella, e no fundo descobrem-se os montes Sabinos, uma parte dos pantanos pontinos e o mar.

O precioso original forma parte da bella collecção de pinturas do senhor Jenisch, senador da cidade livre de Hamburgo.

Galeria historica.

Conservar, a despeito da influencia mortal do tempo, a memoria dos heroes no espirito das gerações, é prestar á virtude um suffragio eterno! E quando ainda hoje, entregando o pensamento á admiracão profunda dos feitos memorandos d'esses que, de tão alta virtude possuidos, tudo abandonaram pela gloria das gerações vindouras — pela conquista do santo sepulchro — quem ha ahi que não sinta desejos ardentes de percorrer as paginas da historia, tão enriquecidas pelas valentes lanças da Palestina, conquistada á custa de sangue christão? A memoria de cada um d'esses heroes é um principio de illustração.

Vamos pois enriquecer as paginas d'esta nossa publicação com os vultos preciosos dos principaes guerreiros da velha cruzada christã.

Balduino era irmão do illustre Godofredo de Boillon. Em 1095, á voz solemne que chamava os animos christãos á santa cruzada, despidu as vestes sacerdotaes, vestiu a couraça de guerreiro, e foi lançar-se no meio d'aquelles illustres martyres, que a voz de Deus parecia chamar á roda da cruz, tanto tempo olvidada entre as mãos dos infieis.

Não affirmaremos, porém, que fôra a convicção religiosa o unico incentivo da sua dedicacão; tanto n'elle respirava o amor das grandezas mundanas, no sentido com que procurava todas as occasiões de apoderar-se de algum principado da Asia, a despeito muitas vezes da consideração que a outros mais illustres guerreiros devia.

Acompanhou Tancredo n'uma expedição, e com elle se desaveiu na tomada de Tarsa, da qual se apoderou depois de violentas e injustas altercações, de que resultou abandonal-o Tancredo.

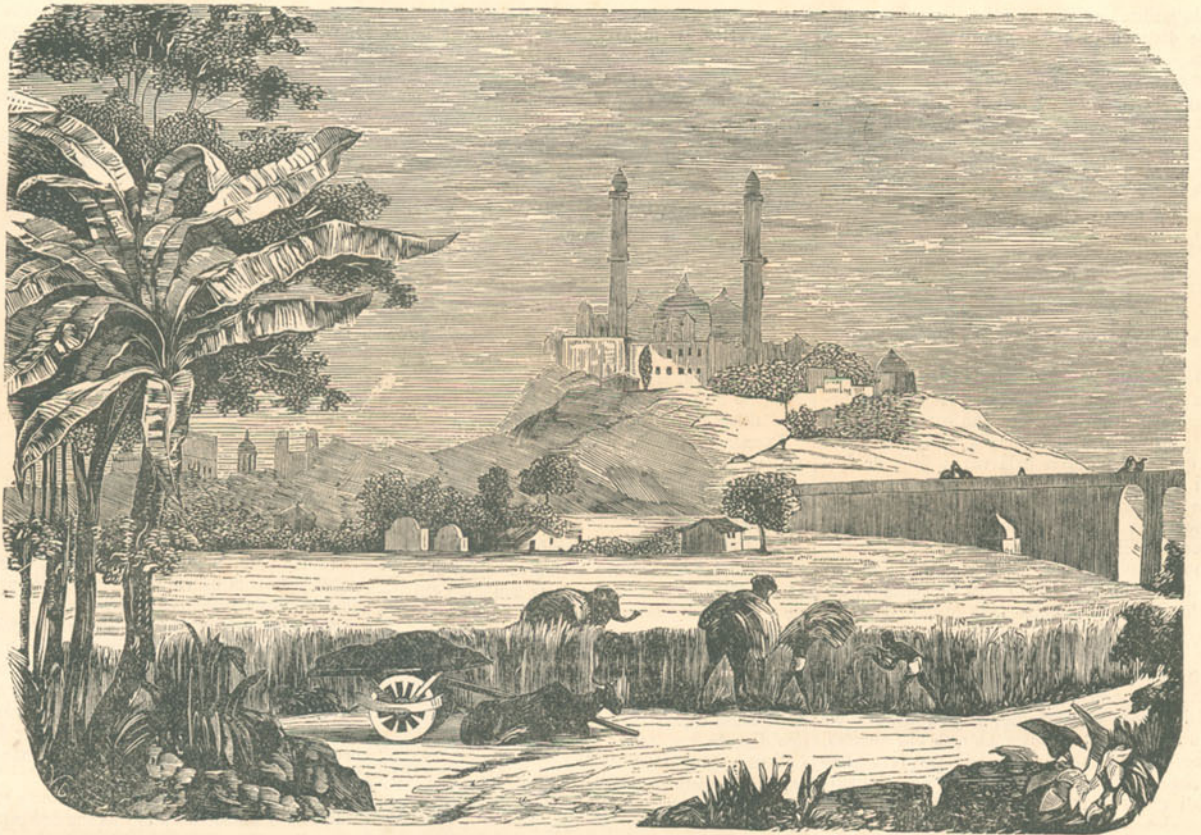
Seduzido pelos primeiros afagos da fortuna, apesar dos sabios conselhos do seu piedoso irmão Godofredo, reunindo um pequeno exercito, que n'aquelle tempo o animo de poucos fazia muitos, á frente d'elle foi lançar-se impetuoso contra os turcos, que espantados d'aquella audacia juvenil, gelidos de terror lhe foram abandonando os postos.

Balduino achou-se em frente dos muros d'Edessa, cidade celebre no tempo da egreja primitiva, metropole da Mesopotamia, sujeita á suzerania dos sarracenos, e governada por um principe grego em nome do imperador Aleixo.

A presenca do famoso guerreiro produziu grande commoção na cidade: uma deputação composta pelo bispo e doze dos principaes habitantes, foi sollicitar do principe a graça de a salvar do dominio dos infieis. Balduino cedeu sem custo á supplica, e em breve foi pelo povo sublevado aclamado principe d'Edessa.

Roubando-se logo ao repouso, tanto elle sentia a gloria das armas, eil-o outra vez á frente dos seus cruzados levando o terror a Samosatra, que tomou d'assalto, e impondo a autoridade do seu braço ás duas margens do Euphrates. Um episodio romantico succedeu então, que juntou ao seu pequeno exercito um reforço importante.

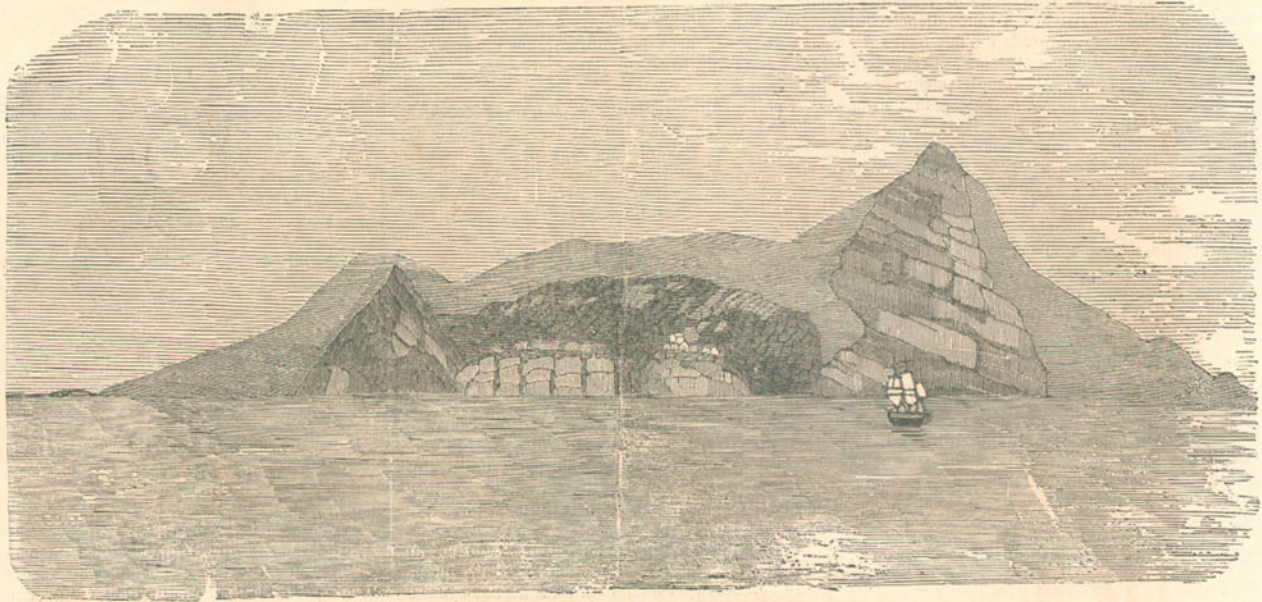
Uma noite de Julho de 1097, dois navios do imperador Aleixo, tripulados pelos gregos, foram atacados vigorosamente por uma esquadra de piratas francezes e flamengos, marinheiros e soldados ao mesmo tempo, que n'uma mão a talha da manobra e n'outra o machado da abordagem, nada tendo a perder e tudo a ganhar, lançavam o terror n'essas paragens que sulcavam. Estes homens, depois de terem tomado e saqueado os dois navios gregos, fizeram-se de vela para a cidade de Tarsa, onde, em consequencia do que acima dissemos, fôra hasteada á bandeira do seu paiz. A recordação subita da patria enterneceu-lhes o coração; os soldados da guarnição, enternecidos tam-



Lucknow. — Gravura de Vidal Junior.



Rosate nos montes Sabinos.



Ilha de Pitcairn — Gravura de Coelho Junior.

bem de os ouvirem fallar a sua lingua, abriam-lhes os braços, e em breve os piratas foram agasalhados como bons irmãos, que, debaixo do mesmo tecto, esquecem, para se amarem, os vícios e as virtudes que os tornam muitas vezes deseguaes. Balduino quiz vê-los; e reconhecendo entre elles a Gherard e Wimer de Bolonha, seus antigos irmãos d'armas, ordenou immediato festim, durante o qual, ao notar o entusiasmo que o vinho generoso principiava a produzir, assim começou a fallar-lhes:

«Haveis de confessar, meus amigos, que leveas uma vida bem triste, na qual andaes sempre ariscados sem proveito nem gloria. Sem proveito, porque apenas vos apoderaes dos thesouros, em terra vindes despendel-os á toa, tão avidos andaes no mar das bellezas da criação! Sem gloria, por que do latrocínio nunca o esforço foi por Deus coroado, nem pelos homens louvado.

«Nós somos soldados de Jesus Christo, e vós do diabo. Amigos: abandonae a vossa profissão. Ide com meu irmão Godofredo á conquista do santo sepulchro, ou ficae nos meus dominios, que eu vos prometto proveito e gloria.»

—A cruz! a cruz! Bradaram os piratas, pregando sobre o hombro direito a santa insignia de panno verde, que Balduino immediatamente lhes fornecera. Em breve os piratas assim transformados em soldados da cruzada, seguiram Balduino ao exterminio dos infieis, tornando-se alguns no futuro esforçados cavalleiros.

Pouco tempo depois d'este acontecimento, Balduino acompanhado de quatrocentos cavalleiros e mil infantes caminhava para Jerusalem, que lamentava a morte de Godofredo.

Este heroe, aos quarenta e um annos de idade, morreu de suas cicatrizes mal fechadas, em consequencia do pouco repouso a que se entregava. A sua morte elevava ao logar que occupava na vida o famoso Balduino, que em breve fez com que o aclamassem rei da Terra Santa, titulo que seu irmão, por modestia, nunca tinha querido aceitar.

Depois da aclamação, o seu primeiro feito d'armas foi a tomada de Segor.

Senhor de um throno, que n'aquelle tempo era reputado o mais respeitavel do mundo, Balduino começou a patentear todas as virtudes heroicas de um verdadeiro cavalleiro christão. Um facto houve na sua vida, que constitue o mais vigoroso traço do seu retrato.

Certo dia, voltando de uma correria contra os infieis, ao atravessar um bosque, uma legua distante de Jerusalem, ouvindo gemer dolorosamente,

te, lançou o cavallo na direcção que os lamentos lhe indicavam. Conheceu o logar pelos cadaveres dos musulmanos, que algumas horas antes elle tinha abatido com a sua propria espada. Uma pobre mulher jazia ali prostrada pelas dôres de um parto, que as commoções lhe tinham abreviado. Balduino cobriu-a com o seu manto, e ordenou que a transportassem á cidade, onde providenciou tudo de que a infeliz podesse necessitar. Não obstante ser mulher de um inimigo e de um infiel, tão profunda foi a sensação que sentiu ao vê-la assim abandonada no centro da carnagem geral, que apenas ella pôde supportar a fadiga da jornada, mandou que a mettessem com o filho n'uma liteira, e a fossem entregar a seu esposo que era um dos chefes das cohortes arabes. O arabe, sensibilizado pela generosidade do coração de Balduino, jurou que nunca na sua vida esqueceria o nome nem o comportamento generoso d'aquelle cavalleiro inimigo.

Quasi no fim do anno de 1101, o rei de Jerusalem marchou á testa de trezentos cavalleiros e novecentos infantes contra um exercito de doze mil sarracenos, que assolavam parte dos seus dominios. Logo no primeiro encontro, foram os piquetes abatidos pela cimitarra do infiel. A pelega, phrenetica e breve, foi fatal aos christãos. Balduino, saltando fora da sella, ajoelhou e orou: depois, prendendo na lança uma bandeira branca para servir de signal aos seus, saltou no arção, e, semelhante ao raio que atravessa a nuvem, cae e destroe, precipitou-se, brandindo as armas, entre as fileiras inimigas pronunciando o nome de Jesus Christo. Entusiasmados pelo exemplo, os seus cavalleiros seguiram-no, não menos esforçados, e em breve os sarracenos, em completa desordem, tiveram de abandonar o campo já coberto de cadaveres.

Balduino pouco repouso deu ao corpo. Um mez depois d'esta assignalada victoria, atacava com igual audacia um exercito egypcio que parecia disposto a passar as montanhas da Judea. D'esta vez, porém, o numero dos infieis era tal, que o exercito christão foi batido. Balduino só, no campo da batalha, não desesperou como tantos outros heroes, que sós e de pé, desafiavam ainda milhares de inimigos que recusavam esmagal-os. Escondeu-se no bosque, mas em breve o bosque foi incendiado, e Balduino teve de procurar novo refugio. A noite favoreceu-o. No dia seguinte estava ás portas de Ramla. O inimigo não tardou em pôr-lhe cerco. A cidade estava seriamente ameaçada. Balduino via perto o fim dos seus dias. Um estranho apresentou-se para lhe fallar.

«Salvaste minha mulher e meu filho, disse el-

le, eu venho aqui para te pagar essa divida sagrada. Amanhã os christãos hão de ser passados á espada. I oder algum da terra seria capaz de os salvar. Eu venho salvar-te. Segue-me.»

Balduino hesitou. Lamentando a sorte dos christãos, não podia determinar-se a abandonal-os: morrer com elles, não era salvar-os; pensou no futuro, e por vingal-os, decidiu-se a acompanhar o emir, que desempenhou a sua promessa.

No dia em que os habitantes de Jerusalem choravam a perda do rei, o heroe appareceu-lhes, chamando-os ás armas.

Sem perder um momento, reuniu todos os christãos que podiam supportar o peso d'ellas, armou cavalleiros os mais distinctos, e com elles caiu sobre os inimigos, que deixou prostrados nas planicies de Jaraffa.

Balduino juntou com o seu braço, ao reino de Jerusalem, as cidades de S. João d'Acre, Sidonia, Berita, e muitas outras das costas da Phenicia.

Estava para apprehender o cerco de Tyro quando previu a proximidade da morte na doença que o atacou. Fez contracto as suas ultimas orações, e chamando os principaes chefes do exercito, disse-lhes:

«Vou morrer; mas peço-vos que não transtorneis por isso o curso das nossas armas. Em mim não perdeis mais que um homem. Ha entre vós mais esforçados guerreiros do que eu: confie-vos aos seus conselhos, e prosegui. Agora só vos peço pelo amor de Deus, que o meu corpo seja transportado a Jerusalem e sepultado no tumulo em que repouza meu nobre irmão Godofredo.»

Os guerreiros cumpriram religiosamente a ultima vontade do esforçado chefe.

Continua.

O diamante.

IV.

Conclusão.

O diamante encontra-se sempre disseminado nos depositos, e quasi sempre involvido n'uma crusta terrosa que se lhe adhere com mais ou menos força, e impede reconhecê-lo antes de se lavar. Por isso se procede á sua busca por meio de lavagem em agua torrentosa. capaz de lhe despegar a parte terrea; primeiro examina-se o cascalho mais grosso, e depois os residuos. No Brazil são os negros encarregados d'este trabalho.

Na epoca das secas, cortam-se as aguas nos rios diamantinos, e recolhe-se o limo cheio de calhaus

até á profundidade de um a dois metros. Chegada a estação das chuvas principiam os trabalhos da lavagem. Estes consistem em canos dispostos uns ao lado dos outros, por cada um dos quaes passa um fio d'agua destinado a arrastar as partes terrosas. Quando o *casalho* está completamente desembaraçado do vaso, então é miudamente examinado. O negro, que achou um diamante, levanta-se, e dá uma palmada para advertir a um dos guardas que, collocados em assentos elevados, vigiam todos os movimentos dos pretos. Os guardas apossam-se dos diamantes encontrados, e no fim do dia, entregam-n'os ao inspector em chefe, que inscreve n'um registo o peso que tem. Concedem-se aos negros premios segundo a grossura dos diamantes que encontram, e quando elles tem dezete *karats* e meio, o escravo que o achou recebe a alforria.

v

O diamante é a pedra mais procurada na joelheria, tanto pela sua raridade, como pelo fulgor e raios que lança especialmente á luz de velas. Imita-se esta ultima propriedade por meio de vidros carregados de oxydo de chumbo, chamados *strass*; ha-os imitando o diamante a ponto de illudir, porém os lapidarios não se enganam.

Para talhar os diamantes principia-se por desbrutal-os, esfregando-os uns contra os outros. As parcelas que por este meio deixam, e que são como pó, servem depois para talhar e polir estas mesmas pedras. Na India talha-se o diamante de modo que conserve o seu volume; mas na Europa sacrificam-se grande parte d'elle para dar á pedra uma forma elegante, e fazer-lhe desaparecer qualquer defeito.

As principaes formas adoptadas para o talhe são a brilhante, e a rosa. A *brilhante* é muito espessa, lisa na parte superior: a *rosa* é pouco espessa, chata na parte inferior, e muito faceada triangularmente na superior. O brilhante monta-se em aberto, e lança grande esplendor dando todas as cambiantes do aspecto solar. O rosa monta-se n'uma lamina metalica branca e polida, de menos brilho, e sómente reflecte a luz; e seu valor é na razão da sua convexidade, mas é sempre inferior ao brilhante.

O Brazil não fornece annualmente mais de seis a sete kilogrammas de diamantes; mas esta materia, mesmo no estado bruto, é sempre mui cara. Os diamantes susceptiveis de serem talhados valem de doze mil e seiscentos a quatorze mil e quatrocentos réis.

Ha muito tempo, que para a venda do diamante se faz uso d'uma unidade de peso chamada *karat*, que vale quatro grãos ou duzentos e cinco milligrammas. Esta palavra vem de *kuara*, nome indico da semente da *Erythrina corallodendron*. É facil comprehender o motivo porque o diamante custa tão caro; pois d'um lado, tem grande emprego de trabalho, e perde muito de peso; e por outra parte, estas pedras apparecem com tantos defeitos que em grande numero são rejeitadas. Nos diamantes de peso notavel, o preço cresce na proporção dos quadrados dos pesos. Aos diamantes extraordinarios pelo tamanho, belleza, ou preço, chamava-se antigamente *parangões*.

Para concluir diremos que ha poucos diamantes acima de cem *karats*. Eis o numero dos que actualmente se conhecem:

1.º O *Koh-i-Noor* (montanha de luz), de mui bella agua: pesava, antes de talhado, perto de duzentos e oitenta *karats*; a mão d'obra reduziu-o a cento e dois. Pertence hoje á corôa de Inglaterra.

2.º O do rajah de Mattan, em Borneo, pesa trezentos e sessenta e sete *karats*, ou setenta e oito grammas:

3.º O diamante do imperador da Russia pesa cento e noventa e tres *karats*, ou quarenta e um grammas. É da grossura d'um ovo de pomba.

4.º O do imperador d'Austria, que antigamente pertenceu ao grã-duque da Toscana, pesa cento e trinta e nove *karats*, ou trinta grammas. É de côr amarella.

5.º O *regente*, da corôa de França, pesa cento e trinta e sete *karats*, ou vinte e nove grammas. Vale pelo menos seis milhões de francos, e excede

os precedentes em perfeição, limpidez, e belleza da sua forma.

6.º A *estrella do sul*, exposto por mr. Halphen, em 1845, do peso de cento e vinte e cinco *karats*, ou quasi vinte e seis grammas. É procedente do Brazil.

Os diamantes defeituosos, e que se reconhecem não se podem talhar, vendem-se para se reduzirem a pó, ou gravar e talhar as pedras finas, ou servirem na relojoaria, ou cortar vidro. Prefere-se para este ultimo emprego os que são claramente cristalizados. Estes diamantes naturaes tem notavel superioridade sobre os que a arte talhou; o que provém, segundo a opinião de Wollaston, da curvatura das arestas, que cortam perfeitamente o vidro, sem o lascar. No commercio dá-se-lhes então o nome de diamantes dos *vidraceiros*.

A ilha de Pitcairn.

Adiante de Sandwick, e das ilhas da Sociedade, está assentada a de Pitcairn, representada em a nossa gravura. Tem de circunferencia unicamente cinco milhas, e a sua posição montanhosa torna difficil para os habitantes a cultura da terra arável.

O desenho que apresentamos foi tirado por um official da *Amphitrite*, no anno de 1856, quando a dita embarcação andou em cruzeiro nas aguas de S. Francisco da California.

Lições para maridos

COMEDIA EM TRES ACTOS

IMITADA DE VERSO HESPAÑHOL.

Continuação.

SCENA XI.

LUIZA, CONDESSA, CARLOTA, CONDE, GENERAL, D. FREDERICO, BARÃO.

(O barão traz uma bolsa semelhante áquellas em que se costuma pedir pelas igrejas).

BARÃO.

Dão licença, meus senhores.

LUIZA.

Pode entrar, senhor barão de Manzano.

BARÃO.

Tenho a honra... (vendo que os cavalheiros fazem o movimento de se levantar) Deixem-se estar, se não vou-me embora.

LUIZA.

Sente-se, barão.

BARÃO.

Com muito gosto, porque foram muitas as voltas que já hoje dei. (pegando na mão de Luiza) Passa bem, minha senhora?

LUIZA.

Excellentemente.

BARÃO.

Estimo-o deveras. (apresentando a mão a Carlota) Minha senhora...

GENERAL.

(Com gesto carrancudo, levando a mão ao encontro da mão que o barão estende) Que é?

BARÃO.

Cavalheiro... estou...

CARLOTA.

Sua veneradora, senhor barão.

BARÃO.

(Voltando-se para a condessa) Ó condessa! (toma-lhe a mão, e depois a do conde, e de D. Frederico) Senhor conde! Frederico! (para a condessa) Vinha procurar a v. ex.ª

GENERAL.

(Áparte) Gabo-lhe o despejo, e a semceremônia.

BARÃO.

(Sentando-se ao pé da condessa e dirigindo a palavra a Luiza) Perdão, D. Luiza, se tomo esta liberdade...

LUIZA.

O barão bem sabe que esta casa está ás suas ordens.

BARÃO.

Agradeço o favor de v. ex.ª Procurei a condessa, disseram-me que tinha saído, e como eu tinha de entregar-lhe a bolsa da benéfica associação a que ambos pertencemos, não duvidei vir procurá-la a sua casa.

CONDESSA.

Agora me lembro: pertence-me a mim hoje pedir na igreja dos Italianos... (pegando na bolsa) Nem de tal cuidava. Agradeço o vir recordar-m'ô.

GENERAL.

Escute: o senhor é?...

BARÃO.

Philantropo.

GENERAL.

Philantropo!

BARÃO.

Por moda, e também por vocação. Creou-me Deus meigo e terno... Tenho um coração affectuoso e expansivo. Não admira, por tanto, que os meninos orphãos, que o collegio da Paz, que o Refugio, e outros estabelecimentos piedosos absorvam os meus... sinceros votos. Escrevo sobre reformas do systema penitenciario, e promovo subscrições para as viúvas do barro, para as freiras pobres, para os asylos de infancia: tenho um projecto de fazer uma rifa monstro, como também alguns beneficios no theatro... Distribuo socorros pelos domicilios, ataduras, fios, e remedios; sou, finalmente, o genio da caridade... ambulante!

GENERAL.

Louvavel, benemerito exercicio!

BARÃO.

E também...

GENERAL.

(Áparte, dirigindo-se a Luiza e a Carlota, entre as quaes está sentado, em quanto se estabelece uma conversação entre os mais interlocutores) Parece-me um homem presumido!

LUIZA.

É exacta a idéa que forma d'elle!

CARLOTA.

Todavia, as suas virtudes compensam...

GENERAL.

Deve ir-se-lhe em esmolas metade do rendimento.

LUIZA.

Nem um real. Tudo aquillo é embofia, farelo-

rio, apparatus theatral. D'elle se não poderá dizer que não trafica com a caridade christã...

GENERAL.

Como assim, D. Luiza?

LUIZA.

Olhe, general, a philantropia como o barão a pratica é já hoje um ramo de industria bastante lucrativo, para quem souber exploral-o. O barão, ao menos, alcançou com isso não ser uma creatura inteiramente inutil e insignificante. A sombra do zelo apostolico, introduziu-se em toda a parte, e o titulo caiu-lhe das misericordiosas mãos de uma velha beata, de quem se tornara uma especie de director espirital.

GENERAL.

E diga-me, D. Luiza, será tambem philantropia o desembaraço escandaloso com que as damas e os cavalheiros apertam as mãos uns aos outros?

LUIZA.

E' mais do que isso, general: é moda.

GENERAL.

Moda indecente, moda insupportavel, que offende o pudor, e o decoro.

LUIZA.

Meu caro general, é moda que eu nem louvo, nem censuro. E' um frivolo cumprimento, a que se não dá valor nenhum.

GENERAL.

Pois eu protesto contra similhante moda, com todas as veras da minha alma. A mão de minha mulher é minha, e minha só; deu-m'a o cura, que nos abençoou na igreja, e nenhum homem lhe hade tocar, em quanto eu vivo fór.

CARLOTA.

A quem a dei eu?

GENERAL.

Acaso minha mulher é rainha, ou bispo, para virem pegar-lhe na mão sem commedimento.... (continuum fallando áparte).

BARÃO.

(Em voz baixa para a condessa, em quanto o conde e Frederico conversam áparte) Saiba, condessa, que apesar da bolsa parecer não ter nada dentro....

CONDESSA.

Que diz?

BARÃO.

(Áparte) Fica prevenida. (alto) Tem alguma coisa.

CONDESSA.

(Com ironia) É de crer, sendo o barão o portador. (ábanando a bolsa) Mas nada tine...

BARÃO.

Sente o que é, apalpando.

CONDESSA.

Papel...

BARÃO.

Adivinhou. (com o dedo na bocca) Bem vê!

CONDESSA.

Escuso de recommendação. O maior merito d'estas coisas está no segredo.

BARÃO.

(Áparte) Bravo!

CONDESSA.

(Áparte) É milagre grande! Temos o barão generoso pela primeira vez em sua vida.

BARÃO.

O meu coração....

CONDESSA.

Ninguem duvida d'elle.

BARÃO.

(Áparte) Não se offendeu: recebeu a noticia de boa feição: sou feliz: posso dizer como Cesar: cheguei, vi, e venci.

CONDESSA.

(Levantando-se e todos fazem o mesmo movimento) Ainda me não mostraste, querida Luiza, o adereço que teu marido te mandou de Paris: tenho curiosidade de vê-lo. (aproxima-se de Luiza e Carlota, e em quanto ellas se fallam, fazem o mesmo áparte, o conde com o general, e o barão com D. Frederico).

LUIZA.

Com muito gosto t'ó mostrarei. Mas creio que se lhe desengastou uma das pedras. Heide levar-o esta tarde ao ourives.

D. FREDERICO.

(Para o barão) Bem vejo! É optimo, admiravel!

BARÃO.

Na bolsa fica o segredo.

D. FREDERICO.

Então como?

BARÃO.

Sei tirar partido de tudo.

D. FREDERICO.

A quem o dizes!

BARÃO.

O pobre do conde...

D. FREDERICO.

(Áparte) Forte idiota!

BARÃO.

Recommendo-te o maior mysterio.

D. FREDERICO.

Escusas de m'ó recommendar.

BARÃO.

E como és amigo do marido, podes servir-me de muito!

D. FREDERICO.

Está dito.

BARÃO.

Conta comigo, quando tentares eguaes empresas.

D. FREDERICO.

Já se vê.

BARÃO.

Somos irmãos da mesma confraria.

D. FREDERICO.

Entendo! (áparte) Tem dedo este barão para escolher os confidentes!

LUIZA.

(Para a condessa) Lá dentro o verás melhor.

CONDESSA.

Pois não: vou contigo.

LUIZA.

(Aos cavalheiros) Até já, meus senhores!

BARÃO.

Se permittem, despeço-me agora mesmo.

LUIZA.

Para ir tratar de algum outro assumpto de beneficencia?

BARÃO.

Exactamente, minha senhora: não tardarei em vir n'outra occasião receber as ordens de v. ex.^a

LUIZA.

Quando quizer, barão: as suas visitas nunca enfastiam.

BARÃO.

(Comprimentando) Aos pés de v. ex.^{as} (áparte) Que conquista, santo Deus! que rapida conquista! Continua.

A caça em S. Francisco da California.

Não ha mercado melhor provido de caça do que o de S. Francisco. Apesar de não haver por ora ali nenhuma rede de caminhos de ferro que facilite o abastecimento, offerece comtudo, relativamente, mais abundancia, melhor escolha, mais variedade, e melhores condições do que qualquer outra parte dos Estados Unidos.

Encontra-se ali o urso, o veado, a corça, o antilope, a lebre, o ganso pardo do Canada, o pato branco, muitas variedades de adens, muitas especies de gallinholas, codornizes, e muita caça miuda a que os caçadores não dão nome particular.

Caça-se o urso nas montanhas ao norte, sul, e leste da bahia. Os veados e corças são mandados do norte das visinhanças das costas do Pacifico. O antilope vem do valle de S. Joaquim. As lebres encontram-se em todas as paragens, mas em especial no condado de Sonoma. Os patos e adens caçam-se nas visinhanças das bahias de S. Francisco, S. Paulo e Suisum. Cada um d'estes pontos fornece porções eguaes.

As corças, veados, e antilopes abundam na segunda metade do anno, mas na primeira é prohibida a sua caça. Quanto ás aves aquaticas ha grande quantidade desde Outubro até Abril. Os adens e gansos chegam do norte só pelos fins de Setembro, e demoram-se até á primavera.

As qualidades de caça variam segundo as estações. O urso engorda na epoca da glande, e emagrece na primavera e no estio. A secca durante o estio, e as grandes chuvas do inverno são causa do emagrecimento dos antilopes e corças, porém refazem-se depressa na epoca dos pastos. Ha dez annos havia abundancia d'esta caça na California, mas vaé diminuindo rapidamente. Comtudo ainda ha muita nas margens do S. Joaquim, e da ribeira Russa, bem como nas montanhas e planicies do interior afastadas dos centros de habitação.

Quasi toda a caça grossa que abastece os mercados é remetida pelos caçadores de profissão. Os que caçam as aves aquaticas subdividem-se em duas cathogorias — os boat-shooters (caçadores em barcos, e os ox-shooters (caçadores com bois). Os primeiros associam-se em numero de dois ou tres; e possuem um barco de oito a dez toneladas, que lhes serve de habitação: cada um tem

tres espingardas de dois cannos, e uma canoa que empregam nas suas isoladas excursões. Calcula-se que cada um d'esses homens manda ao mercado, termo medio, duzentos patos ou adens por semana.

O *ox-shooter* acompanha-se d'um boi adestrado a caminhar adiante d'elle, ou ao seu lado, para mascarar a sua aproximação, e assim encoberto com elle atrai certo sobre grande quantidade de caça. Um bom caçador com boi pode matar diariamente cento e cinquenta peças. Tem elles uma carroça puxada por dois cavallos para o transporte do genero; e empregam ordinariamente dois homens, um para levar a carroça ao mercado, e o outro para lhe apanhar a caça que mata.

Americo Vesputio.

Americo, que deu seu nome ao continente descoberto por outros antes d'elle, descendia d'uma familia antiga de Florença. Nasceu a 9 de Março de 1451. Antonio Vesputio, seu tio, deu-lhe completa educação. Bandini, que foi o seu biographo, representa-o emestrado, por longos estudos, no latim, em diversas linguas estrangeiras, na historia, nas mathematicas, na metaphysica, physica, geometria, astronomia, e cosmographia. Na idade de vinte sete annos, 1478, ainda não havia concluido os estudos, pois elle mesmo dizia que ainda não sabia escrever uma carta em latim, sem o auxilio do seu professor. Diz-se que era muito apaixonado da leitura de Petrarca e Dante, e que frequentava assiduamente os homens distinctos nas letras e sciencias do seu tempo.

Havia na sua familia um uso immemorial, que era destinar-se um dos seus membros ao commercio. Americo entrou portanto na carreira commercial, e nas suas *Navegações*, diz elle que foi a Hespanha para commerciar, e que ahí passou quatro annos nas vicissitudes da fortuna, antes de se decidir a percorrer todas as partes do mundo para contar as suas maravilhas.

Tambem escreveu que foi chamado em 1497, pelo rei Fernando, ao commando d'uma expedição de descobertas, nas regiões que Colombo achou no occidente. Fixa em 20 de Maio a data da sua partida de Cadiz, com quatro navios. Esta primeira viagem durou dezoito mezes, durante os quaes, depois de tocar em muitas ilhas, na maior parte habitadas, reconheceu as costas de Paria, e a terra firme até ao golpho do Mexico. Marca a data do seu regresso em 15 de Outubro de 1499, o que evidentemente é erro.

A segunda viagem começou em Maio de 1499, o que mostra o erro da primeira ter findado em 15 de Outubro d'esse anno, e terminou em Setembro de 1500. Empreendeu-a commandando seis embarcações, e tocou nas Antilhas, na Guiana, e nas costas de Venezuela.

Diz Americo que quando regressou recebeu propostas do nosso monarcha D. Manuel, mas que não querendo descontentar o rei hespanhol, se fingiu doente para as illudir; porém decidido emfim a aceitar-as, entrou no serviço de Portugal, e principiou em 10 de Maio de 1501, com tres caravelas, uma viagem em que reconheceu toda a costa do Brazil até ao rio da Prata, chegando ainda mais longe — á costa da Patagonia.

Finalmente a quarta viagem de Vesputio, principia em 10 de Maio de 1503, por conta do rei de Portugal, contrariada pela perda da capitania, e concluida em 28 de Junho de 1504, o conduziu novamente das costas d'África ao Brazil, desde a bahia de Todos os Santos até ao Curabudo. Esta viagem foi empreendida nos intentos de navegar, pelo oeste, de Malaca ás Molucas.

Este é o resumo das quatro navegações de Americo Vesputio, de que ha diversas versões. Foi n'uma das primeiras edições das suas viagens, que talvez por acto de camaradagem, o cosmographo Ylaconismo deu, em 1507, ao continente das Indias occidentaes o nome de America; e todos os editores ou narradores de viagens do começo do seculo XVI o imitaram, ficando assim inuteis todos os esforços dos autores hespanhoes contemporaneos procurando restituir a Colombo o que lhe pertencia.

A voz de hoje diz que Americo não mereceu a honra que se lhe fez; e para o comprovar passaremos a restabelecer os factos.

Segundo Navarrete, foi em 1484, ou em 1490, segundo Bandini, que Americo Vesputio se estabeleceu em Sevilla como agente ou associado da casa Berardi; e se occupou por muito tempo em os negocios d'esta casa, que especialmente consistiam em vitualhar os navios das expedições de descobertas. Certos biographos avançaram que de 1492 a 1493 elle fôra ás Indias. Para convencer do contrario, bastará ler-se a carta que elle dirigiu, em 4 de Junho de 1501, a Lourenço de Medicis, carta publicada pela primeira vez por Baldelli, em 1827, e na qual falla d'este paiz e da rota que lá conduz só por auditiva, como confessa. E' tambem factos averiguado que Vesputio, longe de viajar por esta epoca, se achava em 1495 á frente da casa Berardi, em consequencia da morte d'este.

Nos archivos de Hespanha não ha vestigio nenhum da primeira viagem que se lhe attribue; nenhum dos seus contemporaneos a menciona, ao passo que se occuparam de viagens menos interessantes; e quasi todos os historiadores e geographos estão convencidos de que a relação d'essa viagem foi escripta sem ter existido, aproveitando certos esclarecimentos evidentemente roubados á de Colombo.

Quanto á segunda viagem, não entra em duvida que Vesputio a fez; porém sem caracter algum official, sem patente, e como simples amator, embarcando-se na esquadra commandada por Alonzo Ojeda. Ora, foi d'esta expedição, principiada em 18 ou 20 de Maio de 1499, que Vesputio immo-destamente se attribuiu o merito. Então já estava feita a descoberta do novo continente, pois Christovão Colombo havia tocado nas costas de Paria, e Darián, em 1498. Tal é o resultado que deu o inquerito que durou desde 1508 até 1527, e no qual se encontram os nomes de Pinzon, Ojeda, Bastidas, Morales, Ledesma, e muitos outros maritimos e pilotos, menos o de Vesputio de quem se não falla.

Se as protestações dos historiadores hespanhoes contemporaneos de Vesputio, e os documentos diplomaticos dos archivos publicos n'estes ultimos tempos, tem reduzido a zero a pretensão de Americo haver descoberto a terra firme, não menos falsa é a noticia da descoberta do Brazil por elle.

E' falso ter navegado com o nosso pavilhão e com qualquer commando ou commissão dos nossos monarchas, desde 1500 a 1505, porque tambem em os nossos archivos nem uma unica vez se encontra citado o seu nome, como o investigou o defunto visconde de Santarem. São numerosos e concludentes os argumentos para pro-

var que Vesputio não passou de plagiario dos trabalhos alheios. Ha comtudo uma carta publicada por Baldelli (se grande fé podem merecer cartas que se digam assignadas por Americo Vesputio) dizendo que o commerciante florentino se achava em Cabo Verde, quando Pedro Alvares Cabral, que tem a honra da descoberta do Brazil em 1500, ahí tocou com as suas tres embarcações. D'aqui se deve deduzir que o florentino navegava n'essa epoca como simples passageiro, ou em posição muito inferior como já o havia feito na expedição d'Ojeda.

Quem desejar desvanecer as duvidas a tal respeito, e reconhecer até que ponto Americo se pode convencer de mentiroso, leia o volume do visconde de Santarem, intitulado *Indagações historicas sobre a descoberta do novo mundo*.

A gloria de Americo é portanto usurpada: as suas relações de viagens estão cheias de erros, incoherencias e inexactidões. Dos factos sómente se pode deduzir que Vesputio como negociante fez algumas viagens, e prestou alguns serviços á Hespanha como fornecedor das suas esquadras de descobertas.

Em 1505 Vesputio voltou a Sevilla, e desde essa epoca os archivos hespanhoes tornam a mencioná-lo ininterrompidamente até á sua morte. O rei, quando voltou aos seus estados, concedeu-lhe cartas de naturalisação, em recompensa dos seus serviços, e em 1508 o titulo de piloto-mór, com muitos privilegios e grandes ordenados. Deve notar-se tambem que as cartas patentes dadas a Vesputio n'estas duas occasiões mencionam vagamente os seus serviços em vez de especificar as descobertas que tivesse feito, o que não deixaria de ter logar, segundo o uso da chancellaria hespanhola, se acaso elle fosse reconhecido autor de alguma descoberta importante. Alguns biographos dizem que elle, no fim da sua carreira, fez varias viagens ás Antilhas. Morreu em Sevilla, a 22 de Fevereiro de 1512, e não em a ilha Terceira, como o diz Bandini no anno de 1516, ou Chaudon no anno de 1514.

Publicou-se — 29, ou Honra e Gloria, comedia drama de costumes militares em tres actos e quatro quadros, offerecida e dedicada a Sua Magestade El-Rei o Senhor D. Pedro V, por José Romano. — Preço 360 réis.

Publicou-se a comedia em tres actos, *Ninguém julgue pelas apparencias*, por Alfredo Hogan. — Preço 360 réis.



Passeio Publico de Lisboa.